



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 4 | OUT-DEZ 2020

ECOS DA BÍBLIA JUDAICO-CRISTÃ NO ROMANCE ASSUNÇÃO DE SALVIANO, DE ANTÔNIO CALLADO



ECHOES OF THE JUDEO-CHRISTIAN BIBLE IN THE NOVEL ASSUNÇÃO DE SALVIANO, BY ANTÔNIO CALLADO

GEOVANY BARNABÉ DA SILVA
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 29/07/2020 • APROVADO EM 16/09/2020

Abstract

Novel as a genre, mainly in its Western bias, relates deeply with the Judeo-Christian heritage and references. The Brazilian writer Antônio Callado both knew and explored aesthetically that source. This paper focuses on the relation between narrative aspects of the **Holy Bible** and **Assunção de Salviano** (1954), the first novel published by the author. The development of the plot orbits around the communist political utopia and the catholic religious doctrine, two features which guide the very reading of the work. In light of the small amount of academic texts on Callado, papers which analyse his writings were taken into consideration; *e.g.* Marcos Martinelli (2006) and Geam Karlo-Gomes (2013; 2017a; 2017b; 2017c; 2018). Concerning the concepts and the theories adopted in the investigation, the contributions of Erich Auerbach (1997; 1998), Northrop Frye (1973; 2004), Hayden White (1999), Mikhail Bakhtin (1990), György Lukács (2000), Yves Reuter (1996) e Jean-Michel Adam & Françoise Revaz (1997) were employed. At every moment, the observation of the social and historical insertion of the novel and of its place in Brazilian Literature is the guideline of the research.

Resumo

O gênero romance, sobretudo em suas expressões ocidentais, possui intrínseca relação com a herança cultural e o referente textual judaico-cristão, premissa conhecida e explorada, esteticamente, pelo ficcionista Antônio Callado. Em específico, neste artigo, analisa-se a relação estabelecida entre os elementos narrativos da **Bíblia** e o livro **Assunção de Salviano** (1954), primeiro romance do escritor. A trama desenvolve-se em torno dos constrangimentos entre a utopia política comunista e a doutrina religiosa católica, fatores que chegam a direcionar a própria leitura da obra. Encena-se, assim, um enredo apocalíptico que o conceito de figura ajuda a desvendar. Considerando-se a escassa apreciação acadêmica dedicada ao autor, visita-se a fortuna crítica acerca da produção calladiana, com o fito de mais bem entender o seu projeto literário, cabendo destaque a Marcos Martinelli (2006) e a Geam Karlo-Gomes (2013; 2017a; 2017b; 2017c; 2018). No que aos conceitos contemplados e aos instrumentais empregados na investigação diz respeito, recorre-se à contribuição de Erich Auerbach (1997; 1998), Northrop Frye (1973; 2004), Hayden White (1999), Mikhail Bakhtin (1990), György Lukács (2000), Yves Reuter (1996) e Jean-Michel Adam & Françoise Revaz (1997). Em todos os momentos, busca-se refletir sobre a inserção histórico-social do *corpus* e seu lugar na literatura brasileira.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Brazilian Literature. Assunção de Salviano. Antônio Callado. Holy Bible. Figure.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira. Assunção de Salviano. Antônio Callado. Bíblia. Figura.

Texto integral

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tendo vivido 80 anos e passado por momentos históricos conflituosos e efervescentes, Antônio Callado (1917-1997) fez de suas experiências de mundo e das leituras realizadas, em diversos gêneros e línguas, um manancial de narrativas e encenações que esteve sempre à sua disposição para, por meio do ofício literário, atuar estética, social e politicamente. Esse pendor à intervenção lhe renderia alguns problemas durante a Ditadura Militar brasileira. A década de 1950 foi um período de significativas transformações e revoluções tecnológicas. No Brasil, o desenvolvimentismo de Getúlio Vargas seguiria até o governo de Juscelino Kubitschek, entre 1956 e 1960, cujo lema era “50 anos em 5”. Depois de voltar de um período na Inglaterra e na França, onde trabalhou durante a Segunda Guerra, o ficcionista arriscou-se em sua primeira obra romanesca: **Assunção de Salviano**, publicada em 1954 pela editora José Olympio.

Esta pesquisa nasce da inquietação acerca dos processos estruturantes dos elementos narrativos e das técnicas estilísticas empregadas para que, através deles, sejam recuperadas imagens e sombras figurais consolidadas no imaginário das sociedades modernas. Outra motivação surge da consciência de que a tradição cristã, baseada na **Bíblia**, atravessa praticamente toda a literatura ocidental, com repercussões dignas de nota. Ainda é preciso pensar nas razões de um texto tão acessível e rico em possibilidades interpretativas, como o do autor, não encontrar

acolhimento nas práticas pedagógicas de leitura em seu próprio país, de que é demonstração a pequena fortuna crítica que lhe é destinada.

O romance inaugural de Antônio Callado não tem sido suficientemente explorado na esfera científica, aparecendo como *corpus* central em menos de dez trabalhos publicados nos últimos 30 anos. Essas poucas pesquisas, com raras exceções, como no caso dos trabalhos desenvolvidos pelo pesquisador Geam Karlo-Gomes, tendem a adotar parâmetros da crítica marxista, debruçando-se sobre as relações político-históricas retratadas ou tecendo especulações sobre a atividade jornalística do autor em contraste com sua produção literária. A relevância da presente investigação reside no esforço de demonstrar como se configuram as relações entre a narrativa calladiana e a tradição cristã; e compreender de que maneira a obra selecionada nos leva a revisitar o contexto histórico e literário brasileiro na década de 1950, a partir de novas perspectivas e ímpetus analíticos. Acerca das Escrituras judaico-cristãs, serão respeitadas neste artigo duas indicações procedimentais básicas, quais sejam: a) as questões referentes ao plano histórico factual, em específico, deverão ser interpretadas como elementos estéticos de ancoragem realista; b) o material bíblico será tratado, em todos os momentos, como artefato canônico da literatura mundial, sem a contemplação de seu valor dogmático ou transcendente.

Este trabalho científico pauta-se nas seguintes contribuições teórico-metodológicas: I) na revisão da crítica literária em torno do autor: Antonio Candido (1997), Luiz Tavares Júnior (1988), Marcos Martinelli (2006) e Geam Karlo-Gomes (2013; 2017a; 2017b; 2017c; 2018); II) nos estudos sobre o gênero romance: Mikhail Bakhtin (1990) e György Lukács (2000); III) nas investigações acerca dos elementos da narrativa: Carlos Reis & Ana Cristina Lopes (1988), Yves Reuter (1996), Jean-Michel Adam & Françoise Revaz (1997); IV) em recortes da ampla tradição de estudos bíblicos: Northrop Frye (1973; 2004) e João Ferreira (2008); V) no conceito de figura conforme estudado por Erich Auerbach (1997; 1998), White Hayden (1999) e José Luiz Passos (1999).

Ainda que os escritos do romancista apresentem diversas possibilidades de investigação, realizar-se-á um recorte que direcione ao objetivo principal desta pesquisa: analisar como elementos do texto bíblico judaico-cristão comparecem, de modo figural, na estrutura narrativa do romance **Assunção de Salviano**. Para tanto, propõe-se: apresentar o livro a ser analisado e sua fortuna crítica (seção 2); identificar os procedimentos utilizados para o preenchimento de prefigurações bíblicas na construção da comunicação narrativa (seção 3), da relação tempo-espço no enredo (seção 4), e das personagens (seção 5), na obra selecionada.

2 ASSUNÇÃO DE SALVIANO: O GÊNESIS DE UM ROMANCISTA

Já com uma carreira jornalística consolidada e depois de se arriscar em textos dramáticos, chegando a publicar **O Fígado de Prometeu** (1951), é ao lançar **Assunção de Salviano**, em 1954, que Callado se aventura pela primeira vez no gênero romance, assumindo a esfera temática da revolução, mais tarde aprofundada em **Quarup** (1967), **Bar Don Juan** (1971), **Reflexos do Baile** (1976) e **Sempre viva**

(1981). Como relata Ana Arruda Callado, “dedicado a Franklin de Oliveira, colega de redação, este primeiro romance aborda a relação entre política e religião, tema que o autor não largaria mais.” (CALLADO, 2013, p. 197.) Desde então, as perspectivas ideológicas presentes em sua literatura já possuíam uma delimitação ambígua e efêmera, comprometendo-se sempre com um olhar contrastivo e dialógico a respeito dos fenômenos transpostos. Deve-se então considerar o que defende Martinelli:

Ora, creio que Callado aqui já expressava, mesmo porque não poderia ser de outra forma, os dilemas de sua condição de escritor no meio literário, colocando em cena a sua filiação ao campo dos escritores espiritualistas, demarcando claramente esse sua posição por meio de diversas críticas que ao longo da narrativa faz aos escritores materialistas, especialmente os ligados ao Partido Comunista. (2006, p. 118)

Embora haja uma insistente focalização no *modus operandi* dos líderes comunistas e demais autoridades políticas, além de seus propósitos, conforme exemplificado no trecho “Júlio fez um esforço para continuar convencendo Salviano. Seu desejo era dizer que só se age quando o ódio é o motivo, que só se cria quando o fim último é a destruição.” (CALLADO, 1954, p. 38-39); não podemos desconsiderar a equilibrada reflexão acerca do papel social desempenhado pela Igreja Católica: “[...] o padre já disse que na terra quem manda é o Governo e que quem neste mundo, perder um hectare de terra para o Governo ganha mil alqueires no céu?” (CALLADO, 1954, p.43)

A narrativa descortina-se no atrito entre os planos do Partido Comunista e as dinâmicas religiosas que interferem no imaginário popular. Entretanto, esses polos se estruturam nas prefigurações da liderança messiânica e do conflito apocalíptico em memória de um passado glorioso e na ambição do futuro prometido numa espécie de paraíso terrenal situado na cidade baiana de Juazeiro. Nesse sentido, a conversão de Manuel Salviano em um beato temente a Deus, abandonando a atuação política, não o afasta de sua quimera de igualdade, mas exige dele outros parâmetros discursivos e reflexões sobre as próprias ideologias. Dinâmica inversa, porém nos mesmos moldes, ocorre em **Quarup** quando Padre Nando, ao viajar para o Norte na intenção de catequizar índios, acaba convertendo-se em militante para enfrentar a Ditadura e seus desmandos.

O ficcionista apoia-se na experiência humana e na história documental para elaborar um material linguístico com alto valor estético. Desenvolve-se uma teia em que a polifonia garante a apresentação multifacetada dos conflitos, imprimindo traços inconfundíveis ao romance calladiano. A evocação de personagens e eventos factuais, por meio de argumentos fabulares, sem afetar a verossimilhança ou a credibilidade diegética da narrativa, enraízam o texto ficcional no terreno da memória popular, colaborando para a “interpretação figural”. (AUERBACH, 1997, p. 27.) Os exemplos mais recorrentes desse procedimento, no caso de **Assunção de Salviano**, são as menções a Antônio Conselheiro e à Guerra de Canudos, considerando seu desfecho e implicações proféticas: “- Operação Canudos. Nosso

plano tem esse nome por causa da guerra de Antônio Conselheiro contra o Governo. – Eu conheço a história – disse Salviano. – Canudos acabou arrasadinha, arrasadinha, e não sobrou ninguém.” (CALLADO, 1954, p. 49.)

O livro em apreço alude aos dramas vivenciados em um contexto geopolítico e econômico, à época, negligenciado pelas autoridades do país, território ideal para o surgimento de fenômenos messiânicos, como tantos, documentados no Brasil (SIQUEIRA & SANTOS, 2018, p. 520). Na diegese, “a lógica para eleição desse cenário pode ser justificada pelo fato de haver inquietação e inconformismo por parte da massa camponesa, em especial, pela situação de alguns lavradores como a personagem João da Cancela, refém de um sistema opressor e cruel.” (KARLO-GOMES, 2017c, p. 9.) Em paralelo à recuperação das acepções míticas do percurso transitório comunista-cristão vivido por Salviano, faz-se necessário compreender as referências históricas como chaves interpretativas para a trama. Não por acaso, o romance é relacionado a outras narrativas efetivamente ambientadas em Canudos, quando o antropólogo Renato Queiroz aborda a transfiguração literária do que chama de surtos messiânico-milenaristas:

A respeito de Canudos, temos **João Abade** (1958), de João Felício dos Santos, e **A Guerra do Fim do Mundo** (1981), de Mario Vargas Llosa. Não se pode esquecer de **Caldeirão** (1982), romance de Cláudio Aguiar inspirado no surto homônimo, e de Antônio Callado e sua **Assunção de Salviano** (1954), obra de ficção que consiste numa bricolagem de personagens e situações colhidas em relatos de diversos episódios históricos. (QUEIROZ, 2005, p. 137.)

O pesquisador Geam Karlo-Gomes (2017b, p. 36), cujos estudos acerca da escrita calladiana sob a perspectiva hermenêutica merecem destaque, reafirma que todo esse imaginário perpassa o enredo validando-se a partir da crença política/comunista de uma bem-aventurança terrestre em detrimento do Cristianismo e sua promessa compensatória na eternidade do paraíso. Por esse ângulo, Rocha & Grassi (2012, p. 81) apontam que essa obra explicita os limites, por vezes contraditórios, entre um projeto político e a preocupação legítima com a população, e ainda entre o comprometimento ideológico e as ambições individuais. Questões semelhantes foram esmiuçadas na investigação empreendida por Siqueira & Santos (2018) acerca do aniquilamento do “eu” e a sombra da violência no mesmo romance.

Por essa razão, algumas personagens secundárias assumem papéis de destaque no transcurso narrativo. O protestante americano Mr. Wilson acaba personificando as aversões de Manuel Salviano, que exprime seu repúdio a tudo o que representa o religioso: “Não deixe mais suas bíblias espalhadas pela minha casa. A Irma guardou a que o senhor deu a ela, mas mesmo uma bíblia só para duas pessoas já é de dar indigestão.” (CALLADO, 1954, p. 20-21.) A relação estabelecida entre eles e os desdobramentos exegéticos do assassinato do estrangeiro apontam para a própria filosofia marxista: “o reflexo religioso do mundo real só pode desaparecer, quando as condições práticas das atividades cotidianas do homem

representem, normalmente, relações racionais claras entre os homens e entre estes e a natureza.” (MARX, 1980, p. 88.)

João Martins é um jovem poeta que finge ser engenheiro de uma companhia de vapores para ajudar a colocar em ação o plano nomeado como “Operação Canudos”. No entanto, essa personagem acaba por deflagrar um importante conflito existencial na vida de seu companheiro político Júlio Salgado. O líder comunista se diz apaixonado pelo imaturo revolucionário, mas não consegue declarar-se por conta de sua educação profundamente alicerçada nos preceitos burgueses, o que o incomoda demasiadamente. Em vários momentos, essas angústias são expostas através de intensos e conflituosos monólogos interiores:

Até hoje só não fui pederasta, de verdade, por medo, por culpa da minha educação burguesa. Agora a verdade está escancarada na minha frente, pois João não me inspira nenhum sentimento do que me parecia outrora perverso, quando a vista de um homem me atraía, do que me parecia apenas libidinoso e anormal. Eu o amo, ei tudo. Tenho ciúmes dele, aí está. Detesto a ideia de vê-lo espojando-se em lençóis de mulher à-toa. (CALLADO, 1954, p. 28.)

Para a felicidade do Padre Generoso, da polícia e do prefeito, por um estratagema formulado por Salgado, Irma é induzida a incriminar seu esposo pela morte de Mr. Wilson. Depois da prisão, o protagonista se nega a receber alimentos, água ou até os cuidados de Ritinha, mulher antes apaixonada por Salviano que, depois da conversão, passa a referendá-lo e segui-lo como mestre religioso. Quando uma multidão de romeiros já se agrupava ao redor da cadeia e Ritinha estava prestes a descobrir quem de fato havia assassinado o distribuidor de **Bíblias**, “na noitinha da véspera de Nossa Senhora da Glória do Caraúna, encarregado de velar por Manuel Salviano, encontrou-o morto sôbre o monte de palha.” (CALLADO, 1954, p. 203) O corpo foi retirado pelo telhado da cela e cremado no forno da Padaria de Rosa, as cinzas foram entregues para Irma que já estava pronta para retornar a Blumenau. Ao encontrar a cela vazia, Rita e a multidão passaram a apregoar a assunção do redentor nordestino.

Propondo um engenhoso trabalho com a abordagem simbólica, revirando exaustivamente as configurações semânticas e se arriscando na estrutura do gênero romanesco, Callado explora operações dialéticas entre o texto e o leitor pretendido, a diegese e a comunicação narrativa (narrador e narratário). Como explica Grassi (2013, p. 62), “Callado construiu um projeto literário acreditando que sua obra deveria promover a conscientização popular.” Por esse ângulo, compreendem-se mais profundamente os procedimentos adotados pelo romancista para a composição da obra em questão. Não há aqui a intenção de identificar as fontes referenciais consultadas, mas como as figuras trazidas para o texto encontram preenchimentos e favorecem o aprimoramento das interpretações possíveis. Impulsionado pelas teorias e métodos girardeteanos, Karlo-Gomes defende que “há uma constelação mitológica intensa e constante no imaginário político de **Assunção de Salviano**” (2017a, p. 16).

Sempre atento à responsabilidade social da produção artística, desde o seu primeiro romance, Callado preocupou-se com a comunicabilidade de seus escritos e a legibilidade das informações, mesmo as que poderiam parecer mais insignificantes. Outro aspecto importante, apontado por Tavares Júnior (1988, p. 55), é a singularidade com a qual um escritor de vivências tão urbanas pôde conceber um romance regionalista com reflexões universais, o que pode se explicar pelas inúmeras viagens e expedições realizadas pelo ficcionista. Como pretende-se apontar a partir dessa investigação, a tentativa de compreender esse modelo, exclusivamente, como pretexto para a discussão política parece ser, no mínimo, superficial ou desonesta.

Nessa obra, seja nas entrelinhas ou de modo escancarado, um conjunto de símbolos, mitos e figuras do cristianismo são introduzidos para suscitar, prenunciar, elucidar ou justificar opções estéticas na moldagem dos elementos narratológicos, fazendo com que o romance estabeleça diálogos com o material linguístico do texto bíblico nos planos literário e discursivo. Na tentativa de sanar uma lacuna analítica, acerca da interpretação figural do romance, e instigar novas leituras fundamentadas por diferentes pressupostos teórico-metodológicos, realizar-se-ão, nas próximas seções deste artigo, especulações sobre as influências dos escritos bíblicos judaico-cristãos na estrutura narrativa de **Assunção de Salviano**.

3 O FRUTO PROIBIDO DA COMUNICAÇÃO NARRATIVA

Ao tratar de comunicação narrativa, é preciso ter em mente o que indica Reuter (1996, p. 40): “a narração encarrega-se das escolhas técnicas (e criativas) segundo as quais a ficção é encenada, narrada, por quem, de acordo com qual perspectiva, qual ordem, seguindo qual ritmo, qual modo, etc.” Em **Assunção de Salviano**, a voz narrativa heterodiegética onisciente estabelece contrastes evidentes com relação ao narrador quase ausente de **Reflexos do Baile** ou ao ritmo lento empregado em **Sempreviva**, mas aponta para o relato compartimentado, quase sempre analéptico, procedimento recuperado em **A Madona de Cedro e Quarup**. No sentido de dirimir quaisquer tangenciamentos do autor em relação ao narrador, por possíveis aproximações entre a postura política assumida pelo ficcionista e a esfera temática do romance, esta investigação filiar-se-á à seguinte conceituação:

A definição do conceito de narrador deve partir da distinção inequívoca relativamente ao conceito de autor, entidade não raro suscetível de ser confundida com aquele, mas realmente dotada de diferente estatuto ontológico e funcional. Se o autor corresponde a uma entidade real e empírica, o narrador será entendido fundamentalmente como autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso, como protagonista da comunicação narrativa. (REIS & LOPES, 1988, p. 61, grifo nosso.)

Apropriando-se de uma estratégia de textualização discursiva que recorre aos símbolos judaico-cristãos como componentes prefigurais, o narrador exige de seu narratário a recuperação de conhecimentos acerca do universo bíblico, suas estruturas e códigos, para que se explorem verticalmente todos os elementos e informações acessadas. Vale lembrar que, narrador e narratário são entidades ficcionais que se manifestam e atuam textualmente como figurativização do autor e do leitor, respectivamente (ADAM & REVAZ, 1997, p. 98). No caso de **Assunção de Salviano**, essa função comunicativa é exercida de modo implícito.

A sistematização narrativa é responsável por anunciar uma realidade, também histórica, cuja significação depende do pacto mimético, entre narrador e narratário, sobre a dimensão ficcional. Desse modo, torna-se absolutamente importante perceber como o “novo” texto relaciona-se com o “antigo”, reconstruindo-o para ampliar sua potência interpretativa à luz de outros contextos socioculturais, permeados por prefigurações e leituras do passado. Nesse tipo de mediação estética, “o único fator espiritual é a compreensão, *intellectus spiritualis*, que reconhece a figura no preenchimento.” (AUERBACH, 1997, p. 28.) Nessa condição, o leitor assume seu papel como ponto-chave no conceito de figura, tornando-se responsável por identificar e contrapor *umbra* e *veritas*, à luz de outras leituras ou experiências e do momento histórico em que está inserido. Ainda segundo Auerbach (1997), os três núcleos da interpretação figural (sombra, verdade e aquele que as reconhece) situam-se dentro do tempo e nele se relacionam construindo sentidos.

Nesse sentido de continuidade, muitas prefigurações são utilizadas de modo proléptico. Por exemplo, a alusão ao Profeta Elias (2Rs 2,11) que aponta, simbolicamente, para as providências que seriam tomadas com o corpo de Salviano (transformado em cinzas) e a projeção “mítica” de sua morte (um mártir presumidamente ressuscitado): “Salviano estivera folheando e lendo uns trechos da Bíblia [...] E deparara logo com a história do profeta Elias, de que se lembrava confusamente, e que ascendeu aos céus num carro de fogo.” (CALLADO, 1954, p. 60.) Sobre a abordagem mítica, adota-se a ótica defendida por Frye: “como crítico literário quero fundear a palavra em seu contexto literário; para mim mito quer dizer então e antes de tudo *mythos*, enredo, narrativa, ou, de modo geral, a ordenação de palavras numa sequência” (2004, p. 67).

Embora haja sumários intercalados (descrições mínimas acerca de uma passagem), o romance inaugural de Callado é marcado pela exploração das cenas (visualização com abundância de detalhes) na apresentação do conflito. Como afirma Reuter (1996, p. 66), a alternância entre esses recursos narrativos está relacionada com a duração e o ritmo do texto. Constatam-se algumas aproximações ao modo de narrar empregado na **Bíblia** pelo esquema dinâmico de sequenciação das ações, o que não dificulta a plena compreensão do enredo e, tampouco, gera entraves para uma leitura fluida. Recorrentemente, deposita-se sobre as personagens a responsabilidade pela elucidação de eventos e elucubrações, a exemplo do fragmento em que Salviano desabafa com Júlio sobre sua paradoxal conversão:

[...] Não tinha mais a antiga consideração pela sua inteligência e nem sentia mais o temor e a admiração com que escutava outrora suas ideias e seus planos. – Eu peço ao senhor, seu Júlio, que fale sério comigo. Eu lhe devo uma explicação e quero dar a explicação. Mas é preciso que o senhor me ajude. Nem mesmo eu sei direito o que me aconteceu. Só sei – acrescentou – que agora acredito em Deus tanto, tanto, que se alguém me pedir para dizer que não acredito eu prefiro deixar que quebrem minha cabeça com uma pedra aos pouquinhos. (CALLADO, 1954, p. 138)

Evidencia-se na cena a preponderância do discurso direto, constatando-se, nas palavras do próprio Salviano, a reflexão acerca do processo vivenciado. Em outros momentos, Callado propõe uma interessante articulação entre os discursos narrativizados, partindo do estilo indireto livre para o estilo direto e, assim como no texto bíblico, lança mão dos verbos declarativos para introduzir, além das falas, projeções emocionais e/ou relacionais das personagens: “Júlio, agora, falava-lhe com uma voz neutra e amiga: – Você se transformou num homem muito misterioso... – Eu? Por quê? – perguntou Salviano.” (CALLADO, 1954, p. 193, grifo nosso.) Tais focalizações colaboram para uma perspectivação complexa, deixando de lado proposições dicotômicas. Como materialização, leia-se o fragmento final da última conversa entre Júlio e o protagonista: “– Tem sempre um diabo na vida da gente, seu Júlio. Mas ele mesmo pode ser um anjo na vida dos outros. E afinal de contas, mesmo como diabo ele está a serviço de Deus.” (CALLADO, 1954, p. 200, grifo nosso.)

Observa-se um claro preenchimento da passagem prefigural em que “Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo” (Mt 4,3-4), compreensão reforçada pela resignação e pelo jejum vivenciados por Salviano, após sua prisão: “Depois de longo interrogatório, estendeu-se no monte de palha que lhe servia de cama na enxovia [...]. O ruído que ao fechar-se fez a porta, não tão sólida assim, do cárcere escuro e úmido, lacrou Salviano num ventre de meditação.” (CALLADO, 1954, p. 165.) Em outros momentos, essa recuperação do texto bíblico vem como narrativa encaixada: “E, confiando na apoteose a vir, Manuel Salviano, agora muito ancho, fez da história da sua conversão e da aparição na nuvem de ouro uma espécie de antologia de tudo quanto ouvira em matéria de conversões milagrosas.” (CALLADO, 1954, p. 66.) O narrador deixa claro o esforço do marceneiro para tornar verossímil sua, até então, falsa conversão, apoiando-se em histórias como a do Apóstolo Paulo (At 9,3-6) e a do Profeta Elias (1Rs 17,1-6).

Como artifício de cunho realista, o narrador evoca, mais de uma vez, personagens e histórias de base factual evidente, como a do líder religioso Padre Cícero: “Se o Padre Cícero tivesse mandado os fiéis tocarem fogo na Juazeiro do Ceará, era tiro e queda.” (CALLADO, 1954, p. 44.) Mas é preciso lembrar que existem múltiplos índices de verossimilhança, como as estratégias polifônicas, os recursos intertextuais, a exploração dos planos narrativos e tantos outros que, eventualmente, podem ser evidenciados nesta investigação. Nesse sentido, Bakhtin (1990) defende que o romance seria o único gênero literário ainda inacabado, tendo, como consequência, maior elasticidade e fluidez composicional. Ora, ao retratar a pregação de Salviano às turbas de posseiros, desenvolvendo narrativas orais altamente retóricas, abre-se um nível hipodiegético, no qual outras personagens,

nesse caso figurantes, acabam tornando-se destinatárias imediatas de uma mensagem: “Finalmente, Salviano, enchendo o peito amplo, e coçando uns fiapos de barba no queixo, começou: – Home, esta vida da gente é mesmo uma coisa esquisita...” (CALLADO, 1954, p. 63).

A velocidade de um romance se estabelece entre a duração fictícia dos acontecimentos e o número de páginas da obra. Em **Assunção de Salviano**, duzentas e doze páginas (evidentemente, na edição empregada para esta investigação), divididas em doze capítulos e um epílogo, são suficientes para tratar do intervalo de um mês. De modo a impor ritmo aos eventos narrados, Callado utiliza elipses, supressões ou saltos temporais. O recurso elíptico também é empregado nas Escrituras, sobretudo nos livros mais extensos: “O homem conheceu Eva, sua mulher, ela concebeu e deu à luz Caim, e disse: ‘Adquiri um homem com a ajuda de Iahweh.’ Depois deu também à luz Abel, irmão de Caim.” (Gn 4,1-2.) Outra aproximação estética entre esses textos é a refutação sistemática do solilóquio narrativo ao privilegiar a mediação dos monólogos através do discurso indireto ou indireto livre. A título de demonstração, Júlio Salgado rememora o assassinato de Mr. Wilson:

Júlio Salgado – que já tinha jantado e enfiara-se em chinélos velhos e num pijama sujo – olhou com cólera a tábua do assoalho que ele levantara para ocultar a mala de Mr. Wilson, com as peças de nylon e as três Bíblias. Que acesso de estupidez fora aquele seu, determinado principalmente pelos livros, que lhe haviam parecido um troféu inestimável – por virem de um americano assassinado e por serem a palavra de Deus que ele capturava? A ideia de que ele aprisionava o chamado Verbo Divino era-lhe simplesmente deliciosa, e a ideia de menos um americano na face da terra era-lhe agradabilíssima. (CALLADO, 1954, p. 91.)

Os elementos bíblicos também podem ser recuperados a partir do conceito de “segundo plano”, espaço deixado em aberto, com o propósito de estimular o leitor a preenchê-lo (AUERBACH, 1998, p. 7). Essa é umas das melhores estratégias utilizadas pelo narrador para direcionar nossa interpretação ou explorá-la, assim defende Ferreira (2008, p. 11). Por exemplo, depois de descrever uma discussão entre o protagonista e sua esposa, o narrador indica que “finalmente, [Salviano] abriu os olhos e a Bíblia, onde a marcara. No Livro de Jó.” (CALLADO, 1954, p. 88.) Mas, como interpretar essa focalização tão específica, se não há desdobramentos no primeiro plano? Esse é um questionamento que só o narratário poderá responder. Uma leitura possível seria verificar aspectos relacionados à Mulher de Jó e como eles poderiam prefigurar o papel de Irma no romance.

Baseando-se nas considerações de Lukács (2000), sobre ser o romance um gênero de contrastes, destaca-se a autenticidade narrativa frente a um mundo recém-saído de duas grandes guerras e com perspectivas políticas marcadamente conflitantes. Mesmo num contexto de transformações sociais, “os princípios estruturais da narração de estórias permanecem constantes através delas, embora naturalmente se adaptem a elas.” (FRYE, 1973, p. 57.) Callado distancia-se

suficientemente para, através da linguagem e de procedimentos estéticos, apresentar os conflitos a partir de um foco narrativo sem maniqueísmos reducionistas ou abordagens panfletárias; conseguindo se relacionar com o plano histórico imediato e o lastro da tradição de modo perspectivado. A comunicação narrativa, seguindo as características do próprio gênero em estudo, “procura encontrar o miraculoso nos refolhos do cotidiano” (CANDIDO, 1997, p. 98). Desenha-se um narrador dialético para atuar na mediação das tensões: materialidade e transcendentalidade, indivíduo e sociedade, moral e poder.

4 UM ENREDO APOCALÍPTICO NO SERTÃO DO SÃO FRANCISCO

Assunção de Salviano encena um trajeto de conversão prefigurada. Desde o título, são anunciadas imagens simbólicas que, no desenvolvimento do enredo, far-se-ão ver. Tendo como conjuntura, ou tempo histórico, os conflitos fundiários do Nordeste nos anos 1950, assume-se como espaço físico a cidade baiana de Juazeiro, com raras menções à pernambucana Petrolina. Já o tempo cronológico, determinado pela sucessão dos eventos narrados, compreende o período de 30 dias que antecedem a festa da padroeira petrolinense, Nossa Senhora da Glória ou Assunção da Virgem Maria, comemorada no dia 15 de agosto. Na tradição católica, a mãe de Jesus teria sido elevada aos céus, sendo conduzida por anjos, e assumida em corpo e alma na Jerusalém celeste. Acepções pertinentes ao título seriam “dignificação daquele que se salvou”, ou “elevação de quem foi destinado à salvação”. No que diz respeito importância do componente temporal para o andamento interno do gênero romance, vale recorrer às considerações de Reis & Lopes (1988, p. 60):

A narração implica, antes de tudo, a determinação do tempo em que decorre, determinação necessária sobretudo para se definir o tipo de conhecimento que o narrador possui acerca da diegese que relata e a distância (que não é meramente temporal) a que se coloca.

Na obra, duas perspectivas são delineadas: enquanto alguns acreditavam que “Juazeiro era efetivamente o lugar ideal para dar início à agitação comunista na banda Norte do país” (CALLADO, 1954, p. 11); outros “beatos e penitentes” trabalham para “fazer o Reino de Deus [...] aí mesmo, nas barrancas do S. Francisco” (CALLADO, 1954, p. 82). Dessa forma, a busca do paraíso terrenal se apresenta, sobretudo, nas intenções utópicas do Partido Comunista; mas, também, nas formas de expressão da doutrina católica. A prefiguração temporal alcança, ainda, preenchimentos no romance, visto que, na tradição judaico-cristã, existem duas épocas sagradas: o Éden Perdido, anterior ao mito da Queda (Gn 2,8); e a Jerusalém Celeste: um final dos tempos compreendido como retorno aos primórdios (Ap 3,12). Considerando que “a narrativa é, em primeiro lugar, sequenciação das ações” (ADAM & REVAZ, 1997, p. 18), o transcurso deste romance condiz com “um mundo de metáfora total, em que tudo é potencialmente idêntico a tudo o mais, como se

tudo estivesse dentro de um só contexto infinito” (FRYE, 1973, p. 138), mas inserido em uma circunstância sócio-histórica específica e renunciada. Essa inserção pode ser analisada a partir do conceito bakhtiniano de “cronotopo”:

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico (BAKHTIN, 1998, p. 211.)

A exploração do ambiente na obra preocupa-se, nitidamente, com a relação entre o cenário real e suas funções na encenação da trama. Na intenção de compreender o tratamento dado à ancoragem realista, acatar-se-á a indicação de Reuter, “a análise narratológica fará uma diferenciação entre a *ficção* (a imagem do mundo construída pelo texto e que só existe nas e pelas suas palavras) e o *referente* (nosso mundo, o real, a história... que existem fora do texto).” (REUTER, 1996, p. 39, grifo do autor.) Ainda nas primeiras linhas, identificam-se sinais de uma articulação, mais adiante aprofundada, entre sentidos figurais, componentes do referente espacial e a construção de um universo ficcional, propositalmente pensado em moldes realistas, sem qualquer recorrência a elementos fantásticos, maravilhosos ou grotescos.

Mesmo ao submergir no fluxo de consciência das personagens, aqui concebido como tempo-ambiente psicológico, percebem-se claras prefigurações. Seja através do imaginário ou agindo planejadamente, as personagens trazem à tona um ideário paradisíaco/edênico, construído dentro do próprio dogma do Cristianismo e reproduzido ao longo dos séculos. Leitura também defendida por Tavares Júnior (1988) e Karlo-Gomes (2017b). Ao descrever o devaneio de Júlio, acerca das intenções revolucionárias em Juazeiro e seus desdobramentos utópicos, solicitam-se reconhecimentos simbólicos como, por exemplo, o “rio da água da vida”, cujos frutos das árvores plantadas “de um lado e do outro” serviriam para “curar as nações” (Ap 22,1-2):

E, ao jogar a guimba do cigarro no barro úmido lá embaixo, Júlio Salgado imaginou que o atirava a um rio de álcool, que o S. Francisco começara a flambar. E o Rio da Unidade Nacional incendiaria a caatinga dos dois lados e só poderia ser apagado no Amazonas e no Rio da Prata. Aliás, quem sabe no Prata poderia ganhar as repúblicas vizinhas e ir estourar no Pacífico, subir ao Panamá. Já então cheia de força, a conflagração faria arder a península centro-americana, fulminaria jubilosa o México de Rivera e Siqueiros. E então, que é que o pequenino Rio Grande iria apagar?... (CALLADO, 1954, p. 12.)

Conhecer o enredo e seu escopo artístico, no campo da linguagem, suscita abordagens sobre o pecado, o livre arbítrio, a resignação e os constrangimentos subjetivos frente aos condicionantes sociais, possibilitando elencar discursos de cunho filosófico e de experiências religiosas. A junção plena desses aspectos pode ser observada quando, ao recuperar o discurso bíblico, Júlio Salgado emprega concepções da reforma agrária, tema das Ligas Camponesas: “Não deixa de ter sua ironia esse salafário. Desapropriemos para salvar a alma dos latifundiários! Como slogan não está nada ruim.” (CALLADO, 1954, p. 131), adaptação do que proferiu Jesus (Lc 18,24). Nessa continuidade, o procedimento também se aplica em sentido inverso. Ou seja, ao tratar de demandas objetivamente políticas recuperam-se símbolos das Escrituras, como reflete-se no preenchimento às promessas divinas de fazer “jorrar rios por entre montes desnudos” (Is 41,18) e multiplicar o trigo para cessamento da fome (Ez 36,29):

Imagine estas terras divididas, Salviano, o Partido fiscalizando as colheitas, você como chefe local, organizando a vida agrícola de toda a zona sanfranciscana, sangrando este bruto rio inútil para dentro da caatinga, amarelando de trigo a terra cinzenta onde hoje só dá xiquexique... Pense nisto, Salviano. (CALLADO, 1954, p. 45, grifo nosso.)

Lançando mão de termos e imagens específicas do Nordeste brasileiro, Callado constrói uma das “profecias” do líder messiânico Salviano: “Um dia desses o céu vai chover uma chuva de pingos de fogo de secar até o xiquexique e o umbuzeiro e de furar a água do rio até o fundo...” (CALLADO, 1954, p. 82, grifo nosso). Ao ambientar eventos bíblicos naquela localidade, o autor propõe reformulações ao que se prefigura no livro de Êxodo: “Havia chuva de pedras e fogo misturado [...] feriu, em toda terra do Egito, tudo o que estava nos campos, desde os homens até os animais. Feriu toda a erva do campo e quebrou todas as árvores do campo.” (Ex 9,24-25.) O trabalho de seleção lexical desenvolvido pelo romancista tem respaldo na proposição de Auerbach: “[...] a partir da base do seu desenvolvimento semântico, uma palavra pode evoluir dentro de uma situação histórica e dar nascimento a estruturas que serão efetivas durante muitos séculos.” (AUERBACH, 1997, p. 64.) A reinserção de expressões ou signos, num outro plano histórico, reforça a condição figural tanto do discurso bíblico, quanto, mais amplamente, da própria Literatura. A compreensão desse recurso depende da condição cronotópica do leitor/analista e de sua ação articuladora na interpretação das figuras.

Para dar forma à, até certo ponto, falsa conversão da personagem principal, como parte da Operação Canudos, o ficcionista abre um nível hipodiegético na narração, tendo como referência outras histórias de iluminação espiritual. Ter-se-á em mente o que defende Auerbach (1997, p. 27): “muitas vezes, vagas similaridades na estrutura dos acontecimentos ou em circunstâncias relacionadas com eles bastam para tornar a figura reconhecível; para descobri-lo, temos de estar determinados a interpretar de um certo modo.” Ao tentar convencer os posseiros de

sua “conversão”, sabidamente fingida pelo narratário, Manuel Salviano relata como teria ocorrido seu momento transcendente:

– O fato que eu hoje queria contar a vocês é que no meio da caatinga, debaixo de um sol de rachar, eu vi aquela nuvem de ouro que veio descendo e nem vi a figura que estava nela porque brilhava demais, mas vi na terra a sombra de dois dedos compridos, uma sombra enorme, feito uma forquilha cobrindo facheiros e juremas e atravessando o rio. Ainda tentei ver de novo a figura porque uma coisa assim tão clara e tão cheia de luz devia ser o Santo lá da Lapa, mas qual! é muito mais fácil a gente dormir de olho aberto pregado num sol do meio-dia em ponto do que virar a cara, de pálpebra meio arriada, para uma nuvem daquela e uma coisa assim, que alumia como aquela nuvem, e eu então caí nos joelhos e fiquei tremendo... quando abri os olhos a nuvem de ouro tinha desaparecido mas a luz tinha sido tão forte que mesmo sol de rachar, que antes parecia tão forte, agora era feito uma bola escura. Eu procurei a nuvem e depois olhei no chão para ver a sombra da forquilha dos dedos de Deus mas a forquilha tinha virado uma cruz do tamanho deste mundo, que cruzava o S. Francisco e se deitava na caatinga até as beiradas do horizonte. E mesmo feita de sombra, aquela cruz brilhava muito mais no chão do que o sol peço pendurado no céu. (CALLADO, 1954, p. 65-66, grifo nosso.)

Como destacado, no fragmento menciona-se insistentemente as figuras “sol” e “forquilha” (instrumento de ferro que serve para remexer mato ou palha). Ambos colaboram para a articulação entre o referente histórico-temático e a universalidade simbólica do texto judaico-cristão. Como esclarece Frye (1973, p. 147), “o céu no sentido de firmamento, com os corpos ardentes do Sol, da Lua e dos astros, comumente se identifica com o paraíso do mundo apocalíptico, ou considera-se um caminho para ele”; e o objeto laboral dos agricultores é comparado aos dedos do próprio Deus, como signo de poder. A “forquilha divina” pode ser interpretada como uma alegoria à relevância social da força de trabalho, comumente desconsiderada pela própria classe trabalhadora. “Por força de trabalho [...] compreendemos o conjunto das faculdades físicas e mentais, existentes no corpo e na personalidade viva de um ser humano, as quais ele põe em ação toda a vez que produz valores-de-uso de qualquer espécie.” (MARX, 1980, p. 187.)

Ainda tratando da soteriologia em torno da personagem Salviano, esta investigação diverge, em dois aspectos, das análises realizadas por Karlo-Gomes (2018): primeiro, por acreditar que a conduta estética de Antônio Callado possa ser esmiuçada, de modo mais pertinente, a partir do conceito de figura, em detrimento da ideia de arquétipo; depois, por não identificar, ao longo da narrativa, nenhuma experiência epifânica vivenciada pelo protagonista. Neste trabalho, defende-se que Manuel Salviano tenha passado por um trajeto de leitura e autorreflexão até alcançar sua real conversão. Conforme Lukács (2000, p. 72), o gênero romance retrata um indivíduo problemático, isolado, que peregrina rumo a si mesmo e “aparece como algo em devir, como um processo”. Callado, por seu turno, demonstra

absoluta consciência e plena tranquilidade ao fazer uso do componente figural, agindo com autenticidade e dinamismo ao reconfigurar elementos da **Bíblia**. Na fala do beato, o maná, alimento produzido milagrosamente e fornecido por Deus ao povo Israelita (Ex 16, 1-36), passa a ter ingredientes como o coco e a mandioca; enquanto que o repolho torna-se uma oferenda verossímil:

–... Mas agora a gente esquece que a terra é de Deus e esquece de oferecer a Deus o que sai da terra que é D’Ele. Antigamente todo mundo era feliz e caía maná de coco e de mandioca nas caatingas da Bíblia mas os lavradores davam a Deus os primeiros carneirinhos que nasciam e os primeiros repolhos. Quem é que pensa nisto agora? No instantezinho em que quis encarar com Deus que baixou numa nuvem de ouro, trazendo à luz, um despotismo de luz, vi logo que nem podia pensar em olhar porque estava pisando numa terra que nunca deu a Deus nem sanhaço e nem uma vagem verde. Por isso é que ela foi ficando triste e seca. (CALLADO, 1954, p. 80-81, grifo nosso.)

A partir do fragmento: “– Sarviano Subiu pro céu! – responderam mil bocas.” (CALLADO, 1954, p. 219), percebe-se que a reação dos fiéis ao sumiço do beato, recém-falecido, recupera a prefiguração da ressurreição de Cristo: “Encontraram a pedra do túmulo removida, mas, ao entrar não encontraram o corpo do Senhor Jesus. [...] Ele não está aqui; ressuscitou.” (Lc 24,2-6.) Já no concernente à projeção social dessa morte, o narrador retoma o fim da personagem bíblica Henoc, que “[...] andou com Deus, depois desapareceu, pois Deus o arrebatou.” (Gn 5,24), cujo julgamento moral, na diegese do romance, baseia-se na vitória sobre o pecado e a morte: “Quando, pois, este ser corruptível tiver revestido a incorruptibilidade e este ser mortal tiver revestido a imortalidade, então cumprir-se-á a palavra da Escritura: a morte foi absorvida na vitória.” (1Cor 15,54-55.) Salviano é alçado à figura de mártir depois de seu falecimento, mas a verdadeira redenção da personagem se dá no plano da imanência/materialidade e não no transcendental.

Desencanto e utopia são questões dialéticas que estiveram presentes em toda a obra calladiana, “nos quais a repressão, a tortura, a dominação e a morte aparecem sempre contrapostos à imagem da vitalidade, do amor e da liberdade, simbolizados geralmente por elementos naturais: a água, as orquídeas, o sol, [...] a noite, os subterrâneos e as catacumbas” (CHIAPPINI, 2008, p. 50). Com muito rigor e delineação estilística, Callado conseguiu desenvolver uma literatura articulada com a sociedade, atendendo ao que propõe Candido (1997, p. 16) sobre a “existência do triângulo autor-obra-público, em interação dinâmica, e de uma certa continuidade da tradição.” A preocupação em apresentar tempos históricos com abordagens coerentes da díade espaço-tempo, como observou-se, é um traço marcante do ficcionista; qualidade conceituada por Bakhtin (1990) como riqueza cronotópica. Ao tecer comentários a respeito de **Quarup**, Passos sinaliza noções já verificáveis no romance inaugural:

A estrutura do romance de Antonio Callado é integralmente ocidental, no sentido de que ela mantém a integridade de um dos modelos mais difundidos de representação do real: a interpretação figurativa, que enxerga na História a justificativa e a exemplificação de si mesmo, como repetição, anúncio e preenchimento. (PASSOS, 1999, p. 223-224.)

A ideia de preenchimento, para White (1999), é um equivalente secular do apocalipse cristão, que funciona, segundo a ótica de Auerbach (1998), de um modo singularmente histórico de causalidade. O figuralismo causal tem como principais consequências a aceção estética da figura e seu foco interpretativo a partir da apropriação retrospectiva dos eventos predecessores. Segundo White (1999, p. 95), “Quando Marx diz que, na evolução biológica, é o homem que explica o macaco [...], está antecipando um caminho distintamente historicista de relatar do último fenômeno para o anterior.” Seguindo essas dimensões críticas, encontra-se em **Assunção de Salviano** um mundo que é rico em “imagens prefigurais”, harmonicamente engendradas, que são retratadas na religião como “Paraíso Terrenal” ou “Apocalipse da Nova Era”; e, na política, como “Idade de Ouro” ou “Revolução”.

5 PERSONAGENS MODELADOS NA ARGILA DO SOLO FIGURAL

Em **Assunção de Salviano**, considera-se a “autonomia diferencial” na hierarquização dos papéis, cujo procedimento “leva em conta os modos de combinação das personagens: se a personagem é importante, ela poderá aparecer sozinha ou com outras e encontrar-se com a maioria dos outros protagonistas” (REUTER, 1996, p. 57). Já os valores empregados para a caracterização ou significação de uma personagem na trama são sempre articulados de modo complexo no sentido de conferir verossímil humanidade aos perfis, sejam eles protagonistas, secundários ou figurantes. Esta análise respeitará o pressuposto de que “as personagens bíblicas, longe de representarem mera transposição ‘objetiva’ de ações ocorridas no passado, são construídos estética e literariamente com fins retóricos.” (FERREIRA, 2008, p. 19.) Visão defendida e aprofundada por White (1999), que se fundamenta na causalidade figural para justificar a história moderna da literatura.

Júlio Salgado busca propagar todo o poder de um Partido que “não é brinquedo, e não tolera restrições.” Mesmo no Brasil, um país de “manteiga, ele é uma rocha dos tempos, ele é respeitado, ele é severíssimo” (CALLADO, 1954, p. 30). Essa e outras declarações da personagem colocam o Partido Comunista como algo superior ao tempo histórico, conferindo aspectos de sacralidade a um pensamento político, expressando a própria utopia. Tal recurso alegórico também é utilizado para referir-se a Deus, na fala de Davi: “Iahweh é minha rocha, minha fortaleza” (2Sa 22,2). A ideologia defendida pelo antagonista acaba transformando-o em uma pessoa sem compaixão ou escrúpulos, levando-o a contradições com o próprio discurso igualitário. Mas é também um homem atormentado pelo amor indeclarável

nutrido por João Martins, seu companheiro de partido, que só tem olhos para Ritinha: “Vida era isso mesmo – sofrimento e sofrimento absurdo – sem causa confessável e sem consequências desejáveis.” (CALLADO, 1954, p. 33.) Há semelhante contraste na composição da personagem Januário, que, em **Quarup**, assume papel antagônico a Nando na articulação da revolução socialista, expondo a complexidade ideológica e política do conflito.

A intenção de Salgado era fazer do ateu Salviano “um santo que só lute pelo reino deste mundo” (CALLADO, 1954, p. 41). A perspectiva antagônica torna-se clara ao prefigurar-se na seguinte passagem bíblica: “foi expulso o grande Dragão, a antiga Serpente, o chamado Diabo ou Satanás, sedutor de toda terra habitada – foi expulso para a terra, e seus Anjos foram expulsos com ele.” (Ap 12,9.) Logo, um santo cujo reino esteja no plano terrestre é, de modo figural, um vilão demoníaco. Em vários momentos da trama, o líder comunista é comparado ao próprio Diabo, como exemplifica-se no excerto: “– Eu não vou à igreja de Petrolina. Aquele plano para mim morreu, seu Júlio, aquilo é obra do diabo” (CALLADO, 1954, p. 139). Atacar a igreja da cidade pernambucana era a última fase da Operação Canudos, planejada em detalhes por Júlio Salgado, como o estopim de uma revolução camponesa para reconquistar as terras “roubadas” pelos coronéis. Para Auerbach (1997, p. 189), a ideia do Paraíso Reconquistado “trata da tentação de Cristo por Satã”.

Alguns figurantes atuam como personagens tipo, como no caso do Coronel Juca e os grileiros do São Francisco, prefigurados nas Escrituras como pessoas que: “se cobiçam campos, eles os roubam, se casas, eles as tomam; oprimem o varão e sua casa, o homem e sua herança.” (Mq 2,2-3.) Outro exemplo dessa continuidade é o Padre Generoso, que, aos olhos de Salviano, assim como todos os padres, “só querem comer e dormir e mais nada. Quando tem alguma briga eles estão sempre no lado que ganha. Jogar no azar é que não jogam.” (CALLADO, 1954, p. 21.) Ao ouvir sobre os milagres e a dimensão social de um novo beato no Sertão Sanfranciscano, Padre Generoso, o prefeito e outras autoridades passaram a recear o poder representado por ele, assim como os chefes dos sacerdotes e os escribas temiam a Jesus “pois toda a multidão estava maravilhada com seu ensinamento” (Mc 15,19). O que apontou Auerbach, há poucas dúvidas, assenta muito bem na realidade de **Assunção de Salviano** em face do texto bíblico: “Ambos os pólos da figura [relação entre dois acontecimentos, pessoas ou situações] estão separados temporalmente, mas estão, também, como acontecimentos ou figuras reais, dentro do tempo. Ambos estão contidos no fluxo corrente que é a vida histórica” (AUERBACH, 1998, p. 62).

Manuel Salviano era um comunista nordestino que trabalhava como marceneiro, profissão análoga à praticada por Jesus, que era carpinteiro (Mc 6,3). Depois de ser convencido por Júlio Salgado, passa a forjar sua transformação espiritual, a partir de um “universo mítico-simbólico; forte o suficiente para ‘vestir’ Salviano de um misticismo soteriológico capaz de ludibriar a fé dos sertanejos e incorrer na sua própria conversão.” (KARLO-GOMES, 2018, p. 87-88.) A malha narrativa que perpassa o caminho do protagonista, desde o início da Operação Canudos até a desistência do recém-convertido (por conta de sua nova condição religiosa/espiritual), recupera uma série de símbolos e personagens bíblicas como: Saulo, perseguidor do povo de Deus que depois se converteu passando a ser perseguido (At 9,1-9); Elias, profeta que por sua lealdade foi arrebatado aos céus numa carruagem de fogo (2Rs 2,1-25); e, em vários momentos, o próprio Cristo.

Preenche-se, por exemplo, a passagem em que Jesus cura o Paralítico de Betesda (Jo 5,1-11), mas, sem nenhum juízo de valor sobre a veracidade da fé proferida por Salviano:

Júlio Salgado saiu bruscamente da confusão e do pasmo que sentia ao ouvir as palavras de Salviano porque levou uma paulada do lado direito da cabeça. Voltou-se de golpe, sobressaltado, e viu que o que lhe batera na cabeça era a muleta tosca que um paralítico andrajoso atirara nos ares. Em torno do paralítico a multidão fizera uma clareira, uma roda, para ver o homem andar, trôpego, com passinhos miúdos, mas andar. (CALLADO, 1954, p. 125.)

O transcurso de líder messiânico de Juazeiro corresponde, com precisão, àquilo que Lukács (2000) acredita ser uma marca do gênero romance, a narrativa de um mundo sem deuses, representada por um anti-herói desajustado, fruto de uma sociedade em profunda contradição e degradação moral. A dialética consolida-se a partir do rompimento entre o indivíduo e o mundo, sem valores autênticos. O teórico chega a conceituar o romance como “a epopeia de uma era para a qual a totalidade extensiva da vida não é mais dada de modo evidente, para a qual a imanência do sentido à vida tornou-se problemática, mas que ainda assim tem por intenção a totalidade” (LUKÁCS, 2000, p. 55). Ao citar um verso do poema “Meu ser evaporei na lida insana”, do autor português Manuel Maria du Bocage, João Martins projeta-se como um exemplo de indivíduo errante, cuja vida não tem sentido por si só, a não ser para servir ao Partido Comunista e entregar-se ao “tropel das paixões”, que muitas vezes se materializa no cabaré ou no desejo por Ritinha. (CALLADO, 1954, p. 52).

No que diz respeito à personagem Irma, será considerada a seguinte informação: “Na concepção apocalíptica da vida humana encontramos três espécies de realização: individual, sexual e social.” (FRYE, 1973, p. 148.) Ela exerce um papel relevante no conflito e, mesmo sendo uma personagem de compleição superficial, é composta por uma rede complexa de figurações, alegorias e símbolos. Na esfera individual, a esposa de Manuel Salviano passa pelo dilema da esterilidade, enfrentado por várias personagens bíblicas como: Rebeca (Gn 25,21); Raquel (Gn 30,1); Ana (1Sm 1,2); Isabel (Lc 1,7) e tantas outras. O ímpeto sexual, esfera não explorada verticalmente, apenas em raros momentos chega a ser expressado: “Irma ficou até algo encabulada pelo inesperado do desejo, mas havia tanto tempo, desde as pregações de Manuel, que não tinham relações de marido e mulher que de repente lhe deu vontade de agarrar-se a ele, beijá-lo, deitar ali naquela palha [...]” (CALLADO, 1954, p. 181). Quanto ao perfil social, é caracterizada como uma mulher vaidosa, de projeções burguesas e que desaprova a sacralização do marido:

Queria construir no meio de sua vida um casamento espaçoso, confortável, sobre os alicerces de um marido trabalhador e ambicioso, que acabasse proprietário e metido na alta política juazeirense. [...] Agora, em lugar do trabalho normal, da ambição,

da fortuna, punha-se o marido a arengar mendigos e aleijados e a criar fama de Beato. (CALLADO, 1954, p. 113-114.)

Na segunda fase do romance, Irma ganha maior projeção. Evidentemente, sua desconformidade com relação ao surto messiânico vivido pelo marido é análoga ao questionamento exprimido pela Mulher de Jó: “Persistes ainda em tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre duma vez!” (Jó 2,9). Embora a personagem bíblica seja, normalmente, interpretada como uma figura odiosa e infame, ela, assim como Irma, é a única responsável por cobrar coerência e lógica nos eventos sucedidos, repercutindo o senso comum, o que, nos dois casos, tem um papel poderoso. Como Jó, um homem tão fiel a Deus, poderia ser tão massacrado? Como Salviano, um comunista ateu, poderia ter se convertido em um líder religioso com discursos de fé tão efervescentes? Elas acabam assumindo, diegeticamente, o papel questionador acerca das transformações e reviravoltas na vida de seus respectivos cônjuges. São elas, na verdade, dotadas de um racionalismo destacável diante dos outras personagens. Como supõe Auerbach (1997), ter-se-á em mente que a interpretação figural depende da relação estabelecida entre texto, leitor e conhecimentos extradieгéticos.

Irma é um exemplo de personagem com múltiplas relações. Havia entre ela e Mr. Wilson uma especial amizade, cujo desdobramento vem a ser a própria conversão de Salviano. É preciso lembrar que o marceneiro passou a ler a **Bíblia**, deixada pelo protestante americano como presente à sua esposa, até tornar-se um tipo de profeta sertanejo. É ao refletir sobre as Escrituras, antes consideradas indigestas, que o ateu passa por um processo gradual de conversão, chegando a dizer: “agora acredito em Deus tanto, tanto, que se alguém me pedir para dizer que não acredito eu prefiro deixar que quebrem minha cabeça com uma pedra, aos pouquinhos.” (CALLADO, 1954, p. 21.) O caixeiro-viajante era também o portador das “maçãs verdoengas” enviadas pelos familiares de Irma e utilizadas para cozinhar apfel-strudel (prato da culinária alemã). Para compreender a articulação entre esses signos e sua interpretação figural se faz necessário lembrar que

A visão de um conjunto de signos pode remeter não apenas a outros conjuntos de signos inter-relacionados revelados por sinais engenhosamente dispostos no texto que esperam para ser decifrados — mas também revela por sinais reais (históricos) aquilo que há de vir no veio da própria História. (PASSOS, 1999, p. 218.)

Configura-se, na associação simbólica entre o livro bíblico (conhecimento divino) e a maçã (interpretada como o fruto proibido), o preenchimento da relação historicamente prefigurada entre Eva e a Serpente do Éden. Vale lembrar que, no livro de *Gênesis*, o texto não menciona a maçã, efetivamente, e sim “o fruto da árvore” (Gn 3,3). O mito da maçã teria surgido a partir de algumas traduções modernas, firmando-se imagetivamente. Ou seja, o protestante oferece a Irma o conhecimento/esclarecimento que, de alguma maneira, conduziria Salviano à

morte. Consequência igualmente prenunciada: “Deus disse: dele não comereis, nele não tocareis, sob pena de morte.” (Gn 3,4.) Ser esposa do protagonista não impede que Irma assuma a *veritas* “maternal”, cuja *umbra* está em Eva, “dentre as figuras maternais intermediárias, aquela assinalada como ‘nossa mãe universal’, [...] perfazendo o ciclo do pecado e da redenção” (FRYE, 2004, p. 211).

Percebe-se, ao narrar o assassinato de Mr. Wilson, a forte influência dos romances policiais ingleses na literatura calladiana. Baseando-se nas proposições de Frye (1973), compreende-se que Júlio Salgado assume o papel do “caçador de homens”, enquanto que o distribuidor de **Bíblias** seria o “*pharmakós*”, vítima sacrificial que deve morrer para que se preserve o interesse coletivo; neste caso, do Partido Comunista. Nesse sentido, “a violência assassina é menos um ataque a uma sociedade virtuosa, por parte de um indivíduo maligno, do que um sintoma da própria corrupção dessa sociedade.” (FRYE, 1973, p. 52-53.) Tendo desconfiado das reais intenções dos falsos engenheiros Júlio e João e sua ligação suspeita com o marido de Irma, o americano passou a investigar, colocando em prática suas habilidades detetivescas, o que arruinaria a Operação Canudos. Sua morte “com uma pernambucana [punhal, peixeira] embebida até os cabos, de viés, no meio do peito e de ponta para o coração” (CALLADO, 1954, p. 70) rememora a ocisão de Eglom, o rei de Moabe (Jz 3,21-23), cujos aspectos físicos são também aproximáveis, já que ambos se descrevem como gordos e fortes.

Enganada pelo antagonista, Irma acaba denunciando o marido pelo crime, injustamente. É nesse momento que Ritinha, “mulata bonita de doer, com seus olhos verdes no rosto castanho escuro” (CALLADO, 1954, p. 17), ganha destaque actancial. “Salviano era escrupulosamente fiel à mulher. Mas por nada no mundo perderia o gosto de ser desejado pela Rita e de o saberem assim desejado” (CALLADO, 1954, p. 15), a moça mexia com sua vaidade e autoestima. No entanto, o desejo que ela sentia, acabou transformando-se em amor fraternal depois da conversão de seu “Mané”. Por ter sempre sido dedicada a Salviano, mesmo que de modo paralelo entre o desejo e a devoção, Rita é personagem despida de maiores complexidades. Observe-se o fragmento:

[...] eu só queria sabê que é que diz Nosso Sinhô de gente assim feito eu que andou querendo i cum santo pra cama mas a muiê diabo de alemã pegou ele condo num era santo ainda Nosso Sinhô e podia fazê tudo que quisesse cum ele ih! rolá na rede bem esticada e fala no ouvido dele e senti na boca mas que pecado meu Deus eu tava pensando antes dele sê santo praque agora meu Deus agora eu se pudesse deitava cum ele na paia mas tratava ele feito uma irmã num fazia safadeza nenhuma juro condo muito olhava ele todinho meu Mané assim feito um fio grande que tivesse olhava ele só e servia ele feito irmã dele” (CALLADO, 1954, p. 214-215, sic.).

A devoção da mulher tem como referência prefigural a história de Maria Madalena, “da qual haviam saído sete demônios” (Lc 8,2), descrita no *Novo Testamento* como uma das discípulas mais dedicadas a Jesus Cristo. O procedimento de apresentar características da personalidade de uma personagem através da fala

de outra pode ser compreendido como um caminho possível para “passar do retrato de um indivíduo para o seu caráter” (ADAM & REVAZ, 1997, p. 46). Bakhtin (1990, p. 73) lembra que o romance, como gênero literário, “caracteriza-se como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal”.

O sacrifício de Ritinha consiste em sua mudança de postura no curso do romance. Tão grande era o seu desvelo, que prometeu entregar-se sexualmente a João Martins, caso ele confessasse quem era o verdadeiro assassino do americano vendedor de artigos de *nylon*. Sua intenção não foi apoiada pelo profeta sertanejo, por acreditar que vender-se em troca da informação era um “pecado mortal” (CALLADO, 1954, p. 189). Rita afirmou que já havia praticado esse pecado outras vezes, para não morrer de fome. Salviano pede para que ela não se entregue e a perdoa, assim como fez Jesus à Mulher Adúltera (Jo 8,1-11). Dessa forma, o perdão dado à Ritinha, por Salviano, faz dela um preenchimento da “figura esponsal” (FRYE, 2004, p. 213) que representa a redenção dos pecados humanos.

Decidido a passar pela provação a que havia sido submetido, seguindo o exemplo primordial de mansidão, fé e justiça, Salviano se converte em figura do próprio Cristo, que, diante das acusações de Pilatos e a caminho do calvário, manteve-se fiel à promessa de Deus (Mt 27,1-50). O importante papel desempenhado por Ritinha é coroado quando, em sua última aparição, ela encontra a cela do seu mestre vazia, semelhantemente ao ocorrido com Maria Madalena em uma das passagens célebres do texto bíblico judaico-cristão (Mt 28,1-8).

É possível interpretar que o final do protagonista já havia sido renunciado, de forma proléptica, quando o beato tece a seguinte reflexão enquanto está aprisionado: “Não se incomodava de falar nos suplícios do inferno porque ficava pensando em estampas de santos supliciados e sempre imaginava os suplícios entre frisos dourados [...]” (CALLADO, 1954, p. 170). O líder comunista, o Padre Generoso, o Juiz de Direito, o Promotor e o Delegado temiam a intenção popular de “santificar formalmente” o beato Salviano, já que o povo “fizera saber que se o santo deles morresse antes da procissão de Nossa Senhora da Glória, seu corpo iria no barco-chefe, no andor, sob o pátio da Virgem.” (CALLADO, 1954, p. 204.) A exigência de Irma pelo corpo do marido e a necessidade de desaparecer com o incômodo cadáver, que jamais poderia ser arrancado das mãos dos populares, levaram Júlio Salgado a apresentar o plano, imediatamente acatado, de retirar o falecido pelo telhado da cela e depois cremá-lo. A conexão dessas personagens tem como *umbra* a traição de Judas (Mt 26,14-16).

Quando, no epílogo, Júlio incinera o corpo de Salviano, no forno antigo da padaria da Rosa, “fazendo cinzas para Irma levar” (CALLADO, 1954, p. 219), recuperam-se algumas prefigurações, como: a da subida de Elias ao céu num carro de fogo (2Rs 2,11); as histórias de Sidrac, Misac e Abdênago (Dn 3,19-30) e de Sedecias e Acab, “que o rei da Babilônia queimou pelo fogo” (Jr 29,22); além do retorno do homem à condição de cinzas, porque é essencialmente “pó” e a ele deverá retornar (Gn 3,19). Observa-se uma antologia simbólica que passa pelo fogo, elemento infernal, apocalíptico e redentor, para encenar a real assunção de Salviano: como fumaça. A redenção da personagem se dá no primeiro plano narrativo, na materialidade da morte e na ideia construída socialmente de que ele teria sido arrebatado e não no plano místico/metafísico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas, constatou-se a importância artística e social do *corpus* selecionado. Apresentando perceptível cuidado estético e perspicácia nas técnicas narrativas, Callado aborda temas, aparentemente particulares ou restritos temporal e espacialmente, propiciando reflexões de caráter universal. Encontra-se no emaranhado dos valores e na perscrutação das utopias, sejam elas políticas ou religiosas, a justificativa para a configuração e o encadeamento das ações no enredo. Os elementos prefigurais funcionam no texto não como reprodutores de uma imagem, mas como reveladores de aspectos ocultos dela, servindo como ponte entre a tradição e as temáticas da modernidade; a religião e os aspectos políticos do momento histórico em que se inscrevem. As promessas e seus preenchimentos apresentam-se como dispositivos por meio dos quais o escritor potencializa o nível interpretativo do romance e dinamiza o contrato mimético assumido entre os interlocutores narrativos. O ficcionista elabora um discurso possível do real, não se excedendo em modelos previsíveis e garantindo a verossimilhança com equilíbrio e rigor técnico nos procedimentos estéticos.

Reconhecendo o valor teórico da ideia de “mimetismo arquetípico-mitológico”, apresentada por Geam Karlo-Gomes (2017a), conclui-se, diversamente, que a melhor definição para o conjunto de procedimentos usados pelo autor para alcançar a verossimilhança é o que se chamará de “mimetismo figural”. Nestas últimas palavras, vale destacar o papel do leitor/analista/crítico como protagonista na observação e interpretação daquilo que o precede, sendo um ponto-chave para estabelecer a relação entre *umbra* e *veritas*, prefiguração e preenchimento.

Acredita-se que a leitura da produção calladiana é ainda pertinente por propiciar a discussão sobre as interações entre arte e sociedade, além de inserir-se, indelevelmente, na tradição literária brasileira e mundial, com indiscutível destaque nas expressões romanescas. É nesse gênero que Callado melhor articula os elementos narrativos na concepção de obras que perpassam o seu contexto histórico imediato, recuperando, ao mesmo tempo, figuras, símbolos e temas do lastro judaico-cristão, dialogando com a **Bíblia**, em seu caráter fronteiro; e com o cânone literário ocidental. Definitivamente, o escritor não subestima seus leitores e, já em seu primeiro romance, aventura-se no sentido de provocar reflexões verticais acerca das temáticas abordadas. Salienta-se que a obra literária não é uma cópia descritiva da realidade, mas, em alguma instância, é uma reconstrução do mundo, ofertada aos leitores, a partir do ponto de vista do ficcionista.

Talvez, no fim de contas, a finalidade máxima deste artigo seja a de propor a revisitação de uma produção literária tão importante e, ao mesmo tempo, tão desprestigiada academicamente. Espera-se que outras pesquisas sejam apresentadas dialogando, concordante ou divergentemente, com as informações aqui disponibilizadas e com a escassa fortuna crítica produzida anteriormente. O verdadeiro prestígio dar-se-á todas as vezes em que este trabalho for apreciado por professores, estudantes e incentivadores da leitura literária, cumprindo sua mais sublime função social: compartilhar uma parcela dos conhecimentos construídos acerca da literatura brasileira, do autor Antônio Callado e de sua obra.

Referências

ADAM, Jean-Michel; REVAZ, Françoise. **A Análise da Narrativa**. Lisboa: Gradiva, 1997.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. **Figura**. São Paulo: Ática, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. 2. ed. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1990.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CALLADO, Ana Arruda. **Antônio Callado**: fotobiografia. Recife: Cepe, 2013.

CALLADO, Antônio. **Assunção de Salviano**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. 8. ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997.

CHIAPPINI, Lígia. Ditadura e Resistência na Obra de Callado. **Teoria e Debate**. Edição Especial 1968, São Paulo, p. 49-52, maio 2008.

FERREIRA, João Cesário Leonel. A Bíblia como Literatura: lendo as narrativas bíblicas. **Revista Eletrônica Correlatio**, v. 7, n. 13, p. 04-22, 2008.

FRYE, Northop. **O Código dos Códigos**: a Bíblia e a literatura. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **Anatomia da Crítica**. São Paulo: Cultrix, 1973.

GRASSI, Bruna S. Sanches. Assunção de Salviano, A Madona de Cedro e Quarup: uma leitura dos romances iniciais de Antônio Callado. **Crátulo**: revista de estudos linguístico e literários, Patos de Minas, v. 5, n. 1, p. 50-63, 2013.

KARLO-GOMES, Geam. Soteriologia no Romance Assunção de Salviano, de Antônio Callado. **Téssera**, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 75-89, jun./dez. 2018.

_____. **Assunção de Salviano na Antinomia Comunismo-Cristianismo**: a busca do paraíso perdido. 2017. Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017a.

_____. O Imaginário Paradisiáco e a Escatologia Comunista em Assunção de Salviano, de Antônio Callado. **Revista Sociopoética**, Campina Grande, v. 1, n. 19, p. 01-15, jul./dez. 2017b.

_____. O Mito do Paraíso Perdido em Assunção de Salviano: um conflito entre o comunismo e o cristianismo. In: Trilhas Calladianas: homenagem ao centenário de Antônio Callado. **Revista Sociopoética**, Campina Grande, v. 1, n. 18, p. 01-32, jan./jun. 2017c.

LUKÁCS, György. **A Teoria do Romance**. São Paulo: 34; Duas Cidades, 2000.

MARTINELLI, Marcos. **Antônio Callado, um Sermonário à Brasileira**. São Paulo: Annablume: FAI, 2006.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

PASSOS, José Luiz. A “Figura,” o Requiem e a Cerveja: três visões de um Brasil entre Darcy Ribeiro e Antônio Callado. **Revista de Crítica Literária Latinoamericana**, Medford - USA, ano 25, n. 49, p. 217-230, 1999.

QUEIROZ, Renato da Silva. Mobilizações Sociorreligiosas no Brasil: os surtos messiânico-milenaristas. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 132-149, set./nov. 2005.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Teoria Narrativa**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

REUTER, Yves. **Introdução à Análise do Romance**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ROCHA, Rejane C.; GRASSI, Bruna S. Sanches. Identidade Nacional: espectro e miragem em A Expedição Montaigne, de Antônio Callado. **Olho d’água**, São José do Rio Preto, v. 4, n. 1, p. 78-86, 2012.

SIQUEIRA, Sabrina; SANTOS, Andrio J. R. dos. O Aniquilamento do Eu e a Sombra da Violência em Assunção de Salviano. **RevLet - Revista Virtual de Letras**, v. 10, n. 1, p. 514-530, jan./jul. 2018.

TAVARES JÚNIOR, Luiz. O Ideológico, o Erótico e o Religioso em Assunção de Salviano. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 1, n. 13, p. 155-173, jan./dez. 1988.

WHITE, Hayden. História Literária de Auerbach: Causalidade Figural e Historicismo Modernista. In: _____. **Realismo Figural**: estudos no efeito mimesis. Baltimore e London: The Johns Hopkins University Press, 1999, p. 87-100.

Para citar este artigo

SILVA, G. B. da. Ecos da bíblia judaico-cristã no romance Assunção de Salviano, de Antônio Callado. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9, n. 4, 2020, p. 537-561.

O Autor

GEOVANY BARNABÉ DA SILVA possui Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). É mestrando, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL), da UFRPE, onde desenvolve pesquisas sobre teoria da literatura, sociedade e memória; filologia e letramento literário. Integra os Grupo de Pesquisa "Teorias em Diálogo" e o Grupo de Investigações Filológicas (GIF).